

Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção

Heloisa Turini Bruhns*

Resumo: Este artigo traz uma discussão sobre a necessidade de novos olhares sobre o lazer enquanto fenômeno social, posicionando-o a partir de uma relação com a vida e não se referindo a um tempo determinado. Para isso utiliza-se das idéias de Sebastian De Grazia, bem como questiona um saber o qual sempre foi privilegiado o enfoque racionalista, desprezando parâmetros não racionais como o lúdico, as emoções, os desejos.

Palavras-chave: Lazer, tempo, conhecimento.

Talvez seja quando o sentido de urgência seja mais premente que convém por em jogo uma estratégia da lentidão (Maffesoli:2001)

Este artigo pretende desenvolver uma reflexão sobre alguns enfoques teóricos nos quais podemos situar o fenômeno lazer como uma construção sócio-cultural onde vários elementos estão conectados formando um todo denso e complexo. Elementos de ordem e dimensões as mais diversas como a política, a psicológica, econômica, etc. , constituem um quadro no qual as dimensões afetivas e emocionais não devem ser desprezadas na compreensão da questão. A perspectiva atual requer uma tomada de posição onde a meta deve ser uma busca do fundamento e não apenas da causa; do como em detrimento do porque. Um novo olhar é exigido onde o raciocínio não se embarace em idéias preconcebidas ou preconceitos normativos.

Nesse enfoque a realidade , concordando com Maffesoli (2001, p.150), passa a ser tratada como o fato de instantes, concomitantemente eternos e frágeis, não se inscrevendo numa concepção linear e progressista da História, mas pelo contrário, mostra-se essencialmente constituída por pequenas histórias (pequenos acontecimentos) as quais estruturam a vida corrente e cujos entrelaçamentos constroem a vida social, dando uma visão global ou evidenciando as grandes tendências da sociedade em um dado momento.

* Doutora em Filosofia da Educação e professora do Departamento Estudos do Lazer da UNICAMP.

Assim sendo pretendo seguir um percurso sinuoso, buscando possibilidades para a realização de uma leitura sobre o fenômeno lazer não excluindo as dimensões subjetivas constituidoras desse processo.

Num primeiro momento desenvolverei idéias sobre o lazer contemporâneo trazendo polêmicas geradas na constituição do seu próprio objeto. Para tal, vou me valer de algumas fundamentações teóricas e discussões de autores numa tentativa de abordar a “idéia” que permite um olhar diferenciado sobre o significado do lazer, as implicações e as relações possíveis de serem estabelecidas nesse debate.

Num segundo momento busco uma base de sustentação utilizando-me de alguns pressupostos relacionados a uma leitura mais sensível quando o lazer é focado sob um prisma menos racional.

Num terceiro momento, trago uma reflexão envolvendo a necessidade de introduzir elementos os quais possam auxiliar no tratamento do assunto como ambigüidades, incertezas, fragilidades e errâncias.

A idéia de lazer

Partindo das idéias de Sebastian de Grazia (2002) o qual tenta desfazer a confusão existente entre lazer e tempo livre, tentarei resumir o seu pensamento por achar que este autor subverte as noções desenvolvidas na compreensão desse tema, bem como introduzir outros autores pertinentes nesse debate.

Na confusão entre a “idéia de lazer” com a de “tempo livre” ou na tentativa de igualá-los (o que corresponde à igualação de um conceito qualitativo a um conceito quantitativo), tendemos sempre a considerar o lazer como sendo oposto ao trabalho e assim sendo, como algo não produtivo que emperra ou debilita a produção. Nessa perspectiva, o lazer desempenha com o trabalho, como aponta Baudrillard (1992, p.179), “uma segunda cadeia de tempo”, enquanto aqui estou propondo outro olhar, o qual considera o todo como um processo construído na ambivalência e contaminação de diversos elementos (sério e frívolo; razão e emoção, vivido e refletido) experienciados na sua reversibilidade constante, sem fixação de hierarquias.

Não me atreverei a formular um conceito sobre lazer mas desenvolver uma idéia sobre esse fenômeno, pois acredito com

Maffesoli (2001: 77) sobre o conceito, em certas ocasiões provocar um obscurecimento em relação ao conhecimento pelo seu caráter inatingível e todo o rigor que o permeia. Portanto aproximo-me de sua proposta em trabalhar com o conhecimento através da noção, da alusão, da notação, ou trazendo suas palavras, “pelo símbolo, que ultrapassa o enclausuramento da palavra e faz entrar em relação, que favorece a tomada de consciência do relacionamento”.

O termo tempo livre encerra uma idéia de democracia realizável, enquanto o lazer não é totalmente realizável, sendo portanto um ideal e não somente uma idéia. Para o primeiro temos uma forma determinada de calcular o tempo e aqui se instaura a confusão, pois a partir de um período onde tanto lazer quanto trabalho sofreram contabilizações, o lazer adquiriu o caráter de um repouso imposto pela racionalização do tempo. Porém, não tomando o lazer como tempo, mas sim como uma forma de ser, uma condição do homem, que poucos desejam e entre os que desejam, poucos alcançam, podemos aproximá-lo da noção de “vida tranqüila”, esta não tendo uma implicação direta com a noção de “vida com abundância”. Alguém sozinho pode gozar o lazer sem que qualquer mercadoria faça falta; basta às vezes um passeio ao ar livre.

Na medida em que nossa vida é regida pela concepção de tempo como produtividade, rentabilidade e lucro (“tempo é dinheiro”), raramente nos damos conta o quanto desprezamos a dimensão afetiva e emocional nas relações humanas, fato demonstrado na justificativa de não termos tempo para “perder” com um amigo quando este nos requisita para um desabafo; quando não “temos tempo” para ajudar os necessitados; para esquecer da vida nos braços de quem amamos; para brincar com nossos filhos; para assistir a um por do sol. Comportamentos adjetivados como “perda de tempo” num mundo voltado para o trabalho, onde a lógica do “fazer” e do “nunca se render” domina o panorama. Nesse enfoque sempre nos sentiremos mal ou culpados quando não estivermos atarefados ou produzindo e o simples pensar em ficar sem fazer nada (como por exemplo numa tarde de domingo, ou após a aposentadoria) gera inquietudes e medos: medo de não saber o que fazer, medo de existir sem meta, medo de rever a própria vida.

O trabalho dominou nossas vidas e trouxe sua lógica produtiva para as relações humanas. Tornou-se um bem para todos os males: um remédio para a dor, para a solidão, para a perda, para desilusões ou crises existenciais. Raras vezes é responsabilizado como causa

de certos problemas sociais. As fugas do trabalho são responsabilizadas por desajustes sociais e quase nunca por aquilo que o próprio trabalho causa como monotonia, desinteresse, cansaço, exploração, opressão, dentre outros.

Sua lógica rege nossa vida como um todo, pois estamos mais ou menos envolvidos e relaxados em momentos de não trabalho dependendo das requisições do próprio trabalho. Dessa forma, permanecemos mais ou menos numa festa, iremos ou não ao cinema, encontraremos ou não nossos parceiros ou parceiras, etc. de acordo com os compromissos de trabalho assumidos. Seria isto o “tempo livre”? É possível um “tempo livre cronometrado”? Pois seja tempo de trabalho ou não este é regido pela mesma linearidade e pela mesma lógica.

Separar dinheiro, prestígio e tempo livre é bastante complicado, como no mostra De Grazia (2002). Vivemos numa sociedade onde a aquisição de bens para aumentar o patrimônio ou para consumir, muitas vezes supera os desejos por uma vida mais tranqüila e, separar dinheiro, prestígio e tempo livre não se constitui numa tarefa fácil. Estar sempre conectado em busca por ascensão social e/ou luta por uma posição social produz uma ansiedade constante pois a preocupação está centrada no “fazer o seguinte” ou num quadro de constante competitividade. Essa situação não produz paz devido a uma eterna necessidade e/ou urgência com relação a alguma tarefa.

Podemos então aproximar o lazer de um estado de tranqüilidade e serenidade o qual permearia a vida como um todo, não sendo possível sua realização num determinado tempo. Implica em fazer poucas coisas, procurar não se meter em coisas desagradáveis e não ir além dos próprios limites. Muitas vezes implica em renúncia e renunciar a dinheiro, status ou poder requer o privilégio de outros valores como sossego, paz, tranqüilidade.

De Grazia (op.cit.) posiciona o lazer como um estado onde vivenciamos a ausência da necessidade de estarmos ocupados, portanto um estado de desobrigação, onde seria possível exercitar as idéias e a imaginação. Neste aspecto, constitui-se como uma atividade reflexiva onde estaria presente um ideal de liberdade relacionado a um compromisso político(no sentido de propor alternativas de vida) e a uma conexão profunda com o mundo, no qual o sujeito se situaria numa revisão constante de valores e concepções.

Sendo assim não é uma atividade recreativa, pois esta traz a agradável sensação de sair do cansaço e da tensão, como também produz um alívio causado pelo estresse do trabalho ou por um trabalho opressivo. Significa uma vida aliviada por estar permeada pela serenidade do lazer.

Todos podem ter tempo “livre”, porém nem todos podem ter lazer. Assim sendo, ele não tem relação com ideal democrático. Mesmo que fosse oferecido a algumas pessoas mais tempo para fazer qualquer coisa, muitas tentariam arranjar outro emprego, apesar de já possuírem o suficiente para as provisões básicas e necessárias ou reclamariam (como é o caso de alguns feriadados surgidos sem agendamento prévio) de que isso só atrapalha a vida.¹

O lazer na contemporaneidade, seja como fato ou ideal, praticamente inexistente. Todavia encontramos uma rudimentar classe ociosa² como expõe De Grazia (2002), não de ricos ou herdeiros, mas daqueles que amam a imaginação. Trabalham e lutam como os demais, porém seus ganhos estão relacionados com a fertilidade de seus pensamentos. Podem ser pesquisadores em uma época, teólogos em outra ou qualquer função a qual lhes garanta a liberdade de poder jogar com suas mentes e a possibilidade de encontrar felicidade no que fazem. São eles os inventores de histórias, criadores de cosmos. Descobrem quanta verdade pode ser explorada no humano e a isso se empenham com vigor. É um seletto mundo de pensadores, artistas, músicos, boêmios os quais não necessariamente têm uma relação direta entre si. Os prazeres desse punhado de pessoas diferem grandemente do resto. O homem comum compra prazeres com o tempo e a renda de sua ocupação, enquanto esta classe está preocupada com a tranqüilidade. Embora geralmente mal remunerada, é uma classe de luxo e a ela sempre pertencerão os espíritos seletos, embora não raro sejam rotulados como vagabundos e malandros. Porém na lógica que rege nossas vidas essas pessoas são daninhas. Na perspectiva atual, a vida de

1 Entre alguns trabalhadores e profissionais aparece com mais freqüência esse estranho fenômeno que é o medo ao tempo livre. Uma manifestação disto é a chamada neurose de Domingo, apresentando uma peculiar inquietude, mais que uma verdadeira ansiedade. A falta de estrutura destes dias possibilita a eleição, e esta ao carecer de modelo a seguir, pode conduzir à reflexão ou à tentação, levando depois ao sentimento de não saber como atuar.

2 De Grazia difere-se de Veblen (1988) o qual desenvolve uma teoria baseada na formação de uma classe ociosas constituída pelos ricos e aristocratas, os quais desenvolviam atividades recreativas relacionadas com o trabalho (manutenção da propriedade, distribuição de colheitas, desejo de aumentar as propriedades e protegê-las dentre outras).

lazer é anti-democrática, anti-social, desorganizada, oposta à concepção de produtividade.

Buscando um olhar mais sensível

Estou privilegiando uma construção do conhecimento ou uma compreensão do lazer guiada pelo que Maffesoli (1996, 1998, 2001a, 2001b) denomina de “razão sensível”, isto é, um conhecimento mais aberto, incorporando o imaginário, o prazer dos sentidos, a emoção, o lúdico, ou seja, parâmetros não-rationais, onde múltiplas possibilidades despontam e o qual não mais se condensa numa matriz única.

Esse olhar, com o autor supracitado, envolve uma “teoria erótica” (pois supõe uma união e comunhão com o cosmo e a partir do seu interior uma descrição de suas vibrações), bem como uma “sensibilidade teórica” a qual refere-se a simplesmente descrever aquilo que “já está aí” ou desenvolver uma capacidade de melhor percebê-lo. Assim, devemos ser “farejadores sociais” dedicando uma atenção especial ao instituinte ou ao que periodicamente (re) nasce e estarmos atentos que este nunca está em perfeita adequação com o instituído, com as instituições, as quais apresentam-se como “algo mortíferas”, sejam quais forem.

Podemos fazer uma relação entre essa “teoria erótica” e o sentido do lazer no sentido de ambos envolverem uma conexão profunda com a realidade onde está presente o exercício das idéias, já comentado. Isso não implica um tempo determinado.

Aqui também vale uma aproximação com o belo texto de Baudelaire (1997) “Sobre a modernidade”, onde o autor divaga sobre o “espírito curioso do homem do mundo”, aquele observador apaixonado e imparcial, o qual possui percepção aguda e mágica porém não ingênua, do qual selecionei uma passagem como ilustração:

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, par o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito(...) entra na multidão como se isso lhe aparecesse como um reservatório de eletricidade. Pode-se igualmente compará-lo (...) a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um eu insaciável do não-eu, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia.

Esses elementos possibilitam-nos melhor compreender como histórias , aparentemente sem importância ou banais (pois se relacionam a sujeitos ordinários e não a grandes heróis da História, nem mesmo a uma grande utopia mas a pequenas utopias do cotidiano), como a do Forró do Severino, a qual desenvolverei em seguida, ganham destaque pela singularidade de suas mensagens, como também por apontarem possibilidades de relações diferenciadas com a vida, subvertendo a lógica dominante.

A história do forró está contida em uma pesquisa realizada por Rigamonte (1996) , onde a autora explora a presença dos migrantes nordestinos fixados na cidade de São Paulo. Severino José da Silva, analfabeto , um desses migrantes, chega em São Paulo e instala-se na Favela da Vila Prudente. Como gostava de forró, organizava com seu cunhado sanfoneiro, nos finais de semana, no fundo de sua casa, festas para dançar, encontrar os amigos, bater papão, enfim divertir-se. Muitos vizinhos queriam participar e o primo teve a idéia de cobrar ingresso. A idéia deu certo e o Forró do Severino foi crescendo. O espaço ficou pequeno, compraram o barraco ao lado, mais um, outro até que o salão passou a ocupar uma área de quase dez mil metros quadrados. Promovia grandes eventos e o público ultrapassou as fronteiras da favela. Começaram a ganhar muito dinheiro, mas ao mesmo tempo perder a tranquilidade e o sossego, num envolvimento com contabilidades, seguranças e organização.

Após certo tempo, Severino vendeu sua parte no negocio e voltou à sua antiga ocupação, ou seja, vendedor ambulante , comercializando peixe na feira. No seu depoimento coloca: “O que eu queria era uma festa pra gente se sentir em casa , pra dançar e se divertir como era na nossa terra, depois que tudo mudou, eu mudei também. Do jeito que tinha de ser eu não queria mais”.

A história do Severino poderia ser interpretada como a de mais um nordestino vagabundo não adepto ao trabalho ou um ingênuo que não percebeu como dinheiro gera dinheiro, o qual lhe poderia ter propiciado aquisição de bens e propriedades, fama e fortuna. Porém nosso personagem parece ter entendido, embora não tenha lido De Grazia, um sentido de lazer referente à própria vida, permeada por uma tranquilidade, a qual o trabalho vinha lhe roubando. Ele desejava o forró para se divertir e encontrar amigos, bem como uma vida na qual isso acontecesse com certa frequência. Isso nos remete a uma noção de sociedade, não apenas como um sistema mecânico de relações político-econômicas ou sociais, mas

como um conjunto de relações interativas, composto de afetos e emoções, lembrando Maffesoli (1996:73)

Sob outra ótica, se tivesse permanecido no comércio, poderia ser interpretado como um sujeito engolido pela lógica do sistema que transformou o forró em negócio, tirando-lhe o caráter de resistência a favor de uma manipulação do mercado, contribuindo para o “estilo brega”, resultado da relação entre ritmos tradicionais e inovações da mídia e da indústria fonográfica. Assim, como mais um insuflador do consumo, permitiria rotular os seus fregueses como consumidores alienados. Postura essa nitidamente simplista e empobrecedora, uma vez reduzindo o homem a mero consumidor e perdendo de vista a amplitude da própria humanidade e do homem enquanto sujeito ambíguo, ou seja, ao mesmo tempo condicionado por uma história, porém agindo igualmente na mesma, atuando, inventando, renovando. Sem nos esquecermos que na politização demasiada do pensamento este passa a ser um elemento do jogo do poder.

Fixar-se num ponto de análise (resistência ou reprodução) não contribui para a busca da complexidade social, além de obscurecer alternativas de vida fora da lógica dominante e racional, bem como fecha caminhos possíveis para transformações.

Assim podemos valorizar e compreender como pequenas atitudes manifestadas no cotidiano do homem comum fazem sentido enquanto possibilidade de interagir com um poder mais instituído, pois ensinam como “driblar” esse poder. A cotidianidade fundamenta-se numa série de liberdades intersticiais e relativas, contrariando desejos por uma existência perfeita e única, onde emerge uma criatividade relacionada aos valores nascentes.

Assunto este tão bem explorado por autores como Certeau (1996) o qual nos mostra a importância das táticas cotidianas constantemente jogando com os acontecimentos e transformando-os em ocasiões. Engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, desembocando em uma politização do cotidiano. Diferem-se das estratégias enquanto estas escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder instituído. Também por Da Matta (1987) na sua demonstração do “poder dos fracos”, um poder diferente do institucionalizado pela estrutura dominante e o qual nos conduz a considerar a sociedade como um drama, um resíduo de idéias os quais interferem com o poder, mesmo quando ele tem tudo para ser absoluto. Poder dos fracos constituindo-se no foco das grandes esperanças e dilemas, induzindo as transformações sociais.

Maffesoli (1998, p.5) igualmente colabora nessa discussão quando aponta a existência de uma “potência da socialidade”, a qual manifesta-se subvertendo a ordem estabelecida na forma do silêncio, da ironia, da astúcia, da luta, da passividade, resistindo à imposição do poder. Portanto, o insignificante faz sentido, pois enfrenta instituições macroscópicas e dominantes.

Assumindo incertezas e fragilidades

Embora sejamos seres ambíguos como dito acima, não estamos acostumados a conviver com essa ambigüidade, nem mesmo com a ambigüidade que permeia nossas vidas. Estamos acostumados a classificar, categorizar, fechar-nos em definições, portanto acostumados a um enfoque positivista de mundo, de vida, de sociedade.

Estabilidade positivista a qual cria uma ilusão de acertos na abordagem da realidade adotando esquematismos, enfoques descritivos e mecânicos, não percebendo o quanto estes empobrecem a vida social e não alcançam a complexidade dessa mesma vida, pois não apreendem os aspectos densos, imagéticos, simbólicos da experiência vivida.

O saber relacionado a essa estabilidade, prendeu-se excessivamente a parâmetros racionais (o visível, o material, aquilo que pode ser contabilizado) desprezando o não-racional (sonhos, desejos, emoções, componentes identificadores do humano), aquilo que impulsiona a vida (Maffesoli, 2001).

Uma outra sabedoria relativista faz-se necessário para compreender que nada é absoluto, sobre a não existência de uma verdade geral, mas a existência de uma relação entre as verdades parciais. Desta forma, poderia ser estabelecida uma topografia da incerteza e da imprevisibilidade, da desordem e da efervescência, do trágico e do drama. Aspectos incontroláveis, imprevisíveis, porém não menos humanos, os quais recortam histórias individuais e coletivas.

A vida complexa é polissêmica e plural, se acomodando pouco às idéias gerais e a outras abstrações, contradizendo categorias explicativas e totalizantes, as quais não percebem a vida em seu desenvolvimento.

Portanto assumir a ambigüidade requer uma reavaliação radical de nossos esquemas de pensamento, bem como o

desenvolvimento de uma sensibilidade para compreender a urgência de uma racionalidade (diferente de racionalismo) aberta, sempre renovada, incorporando tanto os parâmetros não-rationais, quanto um olhar dirigido para mecanismos de correspondências, de analogias, de obscuras sincronicidades. Essa reavaliação favorece a unicidade, dá coesão a coisas díspares, ou seja, num mundo de contrastes, permite uma idéia de conjunto, “da organicidade que une, subterraneamente, todos os fragmentos do heterogêneo” (Maffesoli, 2001, p.86), mantendo juntos os elementos contraditórios. Esta postura contraria a departamentalização do saber em visões simplesmente sociologistas, psicologistas, economistas ou outra qualquer.

Nessa perspectiva o lazer enquanto possibilidade de leitura da realidade torna-se interessante, se não conservarmos o olhar positivista, indicando uma oportunidade para essa reavaliação radical de nossos esquemas de pensamento citada acima.

O tema lazer ao lado de tantos outros como cotidianidade, práticas e representações corporais, estilos de vida, modos de se divertir, etc., sofreram uma desvalorização na história da Teoria Social, a qual privilegiou sobremaneira a narrativa das conquistas dos “grandes homens”. Porém, tomando a década de 1960 como marco dos movimentos críticos que desembocaram tanto em crises institucionais (família, ensino, igreja dentre outras) quanto na contestação dos instrumentos sócio-culturais e político-econômicos de organização das sociedades, questionando teorias e práticas em torno da luta pelo poder, esses temas ganham um âmbito propício, agregando uma crítica à própria ciência estabelecida, à linearidade da História e à noção de progresso.

Dúvidas em relação ao trabalho como realização humana máxima, a política como expressão da vida social (a qual detonou um poder agressivo) e a fé no futuro como motor da História geraram um processo contrário à tentativa de domesticação das massas, do assentamento no valor trabalho e da fixação na residência. Enquanto a domesticação dos costumes buscou um indivíduo isolado e racional, fechado em si mesmo, na sua identidade, no seu patrimônio, na sua esposa, nos seus filhos, observa-se atualmente uma reação oposta presente numa sociabilidade fundada numa ambigüidade, a pessoa percebendo-se na relação com o outro, ocorrendo portanto uma construção intersubjetiva da realidade. Identidade frágil, não mais concebida como o único fundamento sólido da existência individual e social. Identidades em movimentos e às vezes contraditórias.

Contra o cerceamento e a fixação no domicílio, os quais abafaram o sentido de aventura, Maffesoli (2001, p.164) ressalta a presença de um “enraizamento dinâmico” manifestado na errância, no trânsito entre lugares, no deslocamento; uma dialética constante entre a necessidade de segurança e o desejo de aventura, um protesto contra um ritmo de vida orientado para a produção, manifestando insatisfações com as estabilidades instituídas, com as certezas identitárias e com as seguranças institucionais.

Essas discussões são importantes para reavaliarmos quanto estamos fechados para o “novo”, para o “instituinte”, na medida em que ainda nos prendemos numa visão estanque da realidade (no instituído), a qual não nos permite enxergar possibilidades de transformação, possibilidades diferentes de relação com a vida, as quais às vezes estão muito próximas, porém não teorizadas, como no caso citado de Severino José da Silva, analfabeto,³ migrante nordestino, que gosta de forró para se divertir, dançar, encontrar amigos...

Exploring the contemporary leisure: between reason and emotion

Abstract: This article brings a discussion about the urgency of new looks involving the leisure as a social phenomenon, placing it from a relation with life and not in a determined time. For this, takes the Sebastian De Grazia ideas as well as asks about a knowledge which privileged always a rational approach and ignored non rational elements like emotions, desires and fun, among others.

Keywords: Leisure, Time, Knowledge.

3 Não estou justificando o analfabetismo, porém questionando a arrogância de um racionalismo, o qual baseou-se numa noção estranha de progresso, contribuindo timidamente para a superação das injustiças sociais. Dentre outras façanhas, gerou o “epistemicídio”, termo utilizado por Santos (2003) para denunciar como povos estranhos foram eliminados porque tinham formas estranhas de conhecimento bem como formas de conhecimento estranho foram eliminadas porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos.

Explorando el ocio contemporaneo: entre la razón y la emoción

Resumen: Este artículo trae una discusión sobre la necesidad de nuevos modos de mirar sobre el ocio como fenómeno social, posicionandolo a partir de una relación con la vida y no referindose a un tiempo determinado. Para eso se utiliza de las ideas de Sebastian De Grazia, bien como cuestiona un saber el cual siempre privilegió un enfoque racionalista, despreciando parametros no racionales como el lúdico, las emociones, los deseos.

Palabras-clave: Ocio, Tiempo, Conocimiento.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da Sedução*. 2º ed. Campinas: Papyrus, 1992.
- BRUHNS, Heloisa T. "De Grazia e o lazer como isenção de obrigações". In: BRUHNS, Heloisa T. *Lazer e Ciências Sociais- Diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano- Artes de fazer*. São Paulo: Vozes, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *O tempo das tribos*. 2º ed., Rio de Janeiro: Forense universitária, 1998.
- _____. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. São Paulo: Record, 2001^a.
- _____. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 2001b.
- RIGAMONTE, Rosani Cristina. "Severinos, januárias e Raimundos: Notas de uma pesquisa sobre os migrantes na cidade de São Paulo". In: Magnani, José G. e TORRES, Lílian. *Na Metrópole*. São Paulo, EDUSP, 2002.
- SANTOS, Boaventura de S. *Pela mão de Alice- o social e o político na pós-modernidade*. 9ª ed. São Paulo, Cortez editora, 2003.
- VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa*. 3º ed., São Paulo: Nova Cultural.

Recebido em 01/06/2004

Aprovado em 30/06/2004

Heloisa Turini Bruhns
Caixa Postal 6542
Campinas - SP
13084-970
lua@maxiweb.com.br